

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COOPERATIVISMO**

ANA MARIA DE ARAUJO

**FOMENTO DA EDUCAÇÃO COOPERATIVISTA NO RS
Um estudo de caso a partir da OCERGS-SESCOOP/RS**

São Leopoldo
2018

ANA MARIA DE ARAUJO

FOMENTO DA EDUCAÇÃO COOPERATIVISTA NO RS
Um estudo de caso a partir da OCERGS-SESCOOP/RS

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Cooperativismo, pelo Curso de Especialização em Cooperativismo da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientadora: Prof.^a Me. Janira da Silva

São Leopoldo

2018

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Prof.^a Me. Janira da Silva pela clareza na indicação do caminho a seguir em busca dos conhecimentos que possibilitaram e engrandeceram
minha pesquisa.

Aos entrevistados A e B, pela verdadeira aula sobre o tema em estudo.

RESUMO

O objetivo deste estudo foi analisar o fomento da educação cooperativista no Rio Grande do Sul, a partir das ações da Organização e Sindicato Estadual das de Cooperativas do Rio Grande do Sul/Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (OCERGS/SESCOOP/RS). Para realizar a investigação foi utilizada a metodologia de Estudo de Caso conforme Gil (2002, 2008) e Yin (2010); os dados foram coletados com um roteiro semiestruturado. O Presidente da OCERGS e o Gerente de Formação Profissional forneceram as informações que foram analisadas e interpretadas considerando o referencial teórico sistematizado no Capítulo 2. Schneider (2003), Pinho (2003) e Gawlak e Ratzke (2007) foram os principais autores consultados. Os resultados da pesquisa evidenciam as atividades de fomento da educação cooperativista pelas ações planejadas, desencadeadas e implementadas pela OCERGS/SESCOOP/RS no Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Educação cooperativista. Fomento. OCERGS. SESCOOP/RS.

LISTA DE SIGLAS

ACI - Aliança Cooperativa Internacional

ESCOOP - Faculdade de Tecnologia do Cooperativismo

OCB - Organização das Cooperativas Brasileiras

OCE - Organização e Sindicato Estadual de Cooperativas

OCERGS - Organização e Sindicato Estadual das de Cooperativas do RS

SESCOOP - Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo

SESCOOP/RS - Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo do Estado do Rio Grande do Sul

UNISINOS - Universidade do Vale do Rio dos Sinos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	8
2.1 Legado dos pioneiros de Rochdale a partir do texto de Holyoake (2001).....	8
2.2 Quinto Princípio do Cooperativismo: Educação, Formação e Informação	10
2.3 O papel da Aliança Cooperativa Internacional (ACI), Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), Organização e Sindicato Estadual das Cooperativas (OCes) e Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (SESCOOP) na construção de diretrizes e implementação da educação cooperativista	11
2.4 Formas de educação.....	14
2.5 Educação cooperativista	16
2.6 Educação cooperativista: importância e seus reflexos	18
3 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	25
4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS.....	27
4.1 O papel da OCERGS-SESCOP na educação cooperativista	27
4.2 Conceitos de educação, capacitação e formação	29
4.3 Importância da educação cooperativista e seus reflexos	31
4.4 Matriz curricular e métodos utilizados nas iniciativas e práticas de educação cooperativista realizadas pela OCERGS-SESCOOP/RS	32
4.5 Onde e como a OCERGS-SESCOOP/RS se colocam como fomentadoras da educação cooperativista	33
4.6 Ações de fomento à educação cooperativista pela OCERGS-SESCOOP/RS no Rio Grande do Sul	34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS	39
APÊNDICE A - ROTEIRO PARA A ENTREVISTA	41
ANEXO A - PRINCIPAIS PROGRAMAS E AÇÕES DE EDUCAÇÃO COOPERATIVISTA IMPLEMENTADAS E/OU APOIADAS PELA OCERGS-SESCOOP/RS.....	43

1 INTRODUÇÃO

Em 1844 surge, em Rochdale, na Inglaterra, o cooperativismo. O nascimento do cooperativismo se apresentou como solução encontrada por 28 pioneiros para o enfrentamento dos problemas sociais e econômicos provocados pela Revolução Industrial. Esse período econômico se caracterizava pela extensa jornada de trabalho, com condições insalubres, baixa remuneração do trabalhador e redução das oportunidades de trabalho.

Nesse momento, a educação passou a ocupar um lugar de destaque no sistema cooperativista.

Conforme Gawlak e Ratzke (2007), o movimento cooperativista brasileiro teve seu início em 1889, com a criação da primeira cooperativa de consumo em Ouro Preto, Minas Gerais. Tanto a iniciativa cooperativista em Rochdale quanto a de Ouro Preto tinham como objetivo atender às necessidades de consumo dos associados.

Impossível abordar o tema educação cooperativista sem, antes, rever o conceito de cooperativismo, sua doutrina, valores e princípios. Gawlak e Ratzke (2007, p. 21), ao conceituar cooperativismo, destacam que o mesmo se origina da palavra cooperação e o definem como “[...] uma doutrina cultural e socioeconômica, fundamentada na liberdade humana e nos princípios cooperativos.” Dessa forma, o sistema cooperativista tem uma doutrina e, como tal, valores e normas que norteiam suas ações.

Segundo Schneider (2013, p. 35), “São os valores, que à semelhança do sol, dão vida, luz, sentido e calor aos princípios e às práticas cooperativas”. De acordo com Gawlak e Ratzke (2007), o cooperativismo está embasado nos valores de ajuda mútua, responsabilidade, democracia, igualdade, equidade e solidariedade. Os valores representam as ideias fundamentais da cooperação e são praticados por meio dos sete princípios cooperativos: 1º) Adesão livre e voluntária; 2º) Gestão democrática pelos sócios; 3º) Participação econômica dos sócios; 4º) Autonomia e independência; 5º) Educação, formação e informação; 6º) Cooperação entre cooperativas; 7º) Interesse pela comunidade.

É por sua relevância para o desenvolvimento, consolidação e fortalecimento do cooperativismo que o presente trabalho dedica-se ao 5º Princípio: *Educação, Formação e Informação*. Esse princípio é considerado o mais importante, a regra de ouro do cooperativismo, pois todos os demais dele dependem e, junto a eles, foi a

base fundante do cooperativismo, em 1844, e é esse que possibilita ao indivíduo compreender e preparar-se para o exercício dos demais. É por meio da Educação, Formação e Informação que o indivíduo conhece a doutrina, a filosofia, os valores e princípios cooperativistas e tudo o que deles advém.

Nesse contexto, o presente trabalho tem como problema de estudo: Qual é o fomento para a educação cooperativista no Rio Grande do Sul, a partir da OCERGS-SESCOOP/RS?

Considerando a natureza e os objetivos da pesquisa, utilizou-se como metodologia o estudo de caso que, segundo Yin (2010, p.39), “[...] é uma investigação empírica que: investiga um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidente.”

Para o desenvolvimento deste estudo, no capítulo dois se apresenta o referencial teórico, fundamentado conforme os autores citados nas referências bibliográficas. No capítulo três se aborda a metodologia utilizada na pesquisa. Para realizar a investigação, optou-se por utilizar um estudo de caso e, como técnica de coleta de dados, a entrevista semiestruturada.

O quarto capítulo envolve a interpretação e a análise dos dados considerando os tópicos: O papel da OCERGS-SESCOOP/RS na educação cooperativista; Conceitos de educação, capacitação e formação; Importância da educação cooperativista e seus reflexos; Matriz e método utilizado nas iniciativas e práticas de educação cooperativista realizadas pela OCERGS/SESCOOP/RS; Onde e como a OCERGS-SESCOOP/RS se colocam como fomentadoras da educação cooperativista e Ações de fomento à educação cooperativista pela OCERGS-SESCOOP/RS no Rio Grande do Sul.

Nas Considerações Finais, apresenta-se as sínteses dos dados analisados considerando o problema e os objetivos deste estudo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo aborda o referencial teórico que fundamenta a análise e a discussão dos dados coletados

2.1 Legado dos pioneiros de Rochdale a partir do texto de Holyoake (2001)

Para a realização deste trabalho, foi importante conhecer o legado deixado pelos Pioneiros de Rochdale no que se refere à questão da educação e sua contribuição para o fomento e consolidação do cooperativismo

Desde a criação da Sociedade Equitativa dos Pioneiros de Rochdale, fundada em 1844, a educação cooperativista é percebida como de extrema relevância para a consolidação da cultura e desenvolvimento cooperativista. Para Holyoake, em 1849, constatou-se sua importância a partir da decisão dos Pioneiros de organizar uma seção de educação. Essa iniciativa surgiu das reuniões feitas pelos mesmos, depois do trabalho, nos fundos do Velho Armazém, para troca de ideias sobre as operações da sociedade e comunicação das novidades da semana. Nesses encontros, as discussões “[...] giravam em torno do bem estar dos homens, da redenção social e da supressão das condições iníquas que então eram impostas aos trabalhadores.” (2001, p. 85)

O formato para implementação da seção de educação, começou com a doação de livros pelos sócios e assinatura de jornais e, em um segundo momento, foi votada pela sociedade a doação de cinco libras esterlinas por cada membro para fomento da biblioteca. A mesma era aberta a todos, uma vez por semana, aos sábados à noite, das sete às nove horas. Para ter acesso à sala dos jornais, era pago um *penny* por mês. Isso demonstra que, tanto os integrantes da sociedade quanto os leitores, reconheciam a importância da proposta de educação estabelecida. Assim, por intermédio do acesso à pesquisa e informação, todos que desejassem poderiam agregar mais conhecimento. Rapidamente, a demanda dos sócios superou o número de livros disponíveis e a assembleia fez uma nova votação para uma suplementação de verba de cinco libras que se repetiu três meses depois. Com a demanda crescente, na primeira assembleia trimestral, a Junta da Seção de Educação, requereu um subsídio de quarenta libras esterlinas e, apesar da contrariedade e protesto de alguns cooperados, a doação foi aprovada.

A biblioteca continuou merecendo a maior atenção dos sócios e, em 1853, na revisão do estatuto, John Brierley, um dos sócios mais antigos, apresentou uma proposta para que fossem designados 2,5 % dos lucros para a educação. A mesma foi aprovada, possibilitando a contratação de professores para ministrar aulas, beneficiando, assim, aos cooperados e suas famílias.

Conforme Holyoake, (2001, p. 89),:

É necessário advertir que a previdente deliberação de destinar dois e meio por cento dos lucros líquidos à educação geral, foi que elevou tanto na consideração pública a Sociedade Cooperativa de Rochdale. Foi esta “regra de ouro” que lhe deu tanto valor, que conquistou a simpatia de tantos amigos e lhe angariou fama universal. Foi esta regra que, tendo contribuído para o progresso intelectual e moral dos cooperados, preservou a Sociedade do perigo de ver os seus estatutos retocados por pessoas ignorantes ou mal informadas, que não faltariam ali, certamente, como em qualquer outra parte[...].

Em 1850, foi inaugurada uma escola para crianças cuja quota-contribuição era de dois *pence* por mês e, em 1855, foi aberta uma sala de estudos para pessoas entre quatorze e quarenta anos que desejavam se reunir para se instruírem mutuamente.

Ainda conforme Holyoake (2001), no período entre 1858 a 1876, o acervo de livros evoluiu de mil e quatrocentos para doze mil livros e para onze salas de leitura, com acesso gratuito para todos os associados. Os jornais eram de diferentes opiniões políticas e religiosas.

O processo de desenvolvimento da educação teve continuidade e, além da instrução proporcionada pelas escolas, biblioteca, salas de leitura e jornais, a junta da seção de educação, passou a organizar conferências sobre temas científicos. Holyoake (2001) afirma, também, que no período de 1870 a 1873, na sala própria para assembleias, a junta de educação, durante os meses de inverno, instituiu uma série de conferências gratuitas para o público. Continuando, o autor em foco relata que, em 1873, a junta de educação buscou parceria com a seção de artes e ciências de South Kensington, em Londres, com a finalidade de obter bolsas de estudo estabelecidas pelo governo, favorecendo estudantes pobres que seguiam determinados cursos. Nas escolas da Sociedade dos Pioneiros de Rochdale, professores qualificados ministravam aulas para filhos de cooperados, homens e mulheres, que pretendiam se desenvolver intelectualmente. Para tanto, utilizavam um currículo amplo envolvendo, segundo Holyoake (2001, p. 88), “[...]matemática, desenho geométrico e mecânico, teoria da mecânica, fisiologia, botânica,

magnetismo, eletricidade, química inorgânica, desenho linear e ornamental, geometria e perspectiva, física, som, luz, calor, idioma francês.”

A Junta de Educação era formada por onze membros, renováveis, uma metade na assembleia geral de Abril e, a outra, na assembleia de Outubro, de forma que cada membro ocupava o cargo por um ano. Na sala central de leitura havia um livro em que os sócios colocavam suas observações e expressavam seus desejos.

Holyoake, (2001, p. 90), citando Cooper, um dos famosos dos vinte e oito pioneiros ao manifestar sua opinião sobre a educação, diz:

[...] “Onde faltam as salas de leitura, as bibliotecas e os meios de instrução, é de esperar-se que não se encontre o operário “inteligente”. Este procurará satisfazer as suas aspirações e os seus gostos em outra parte. A experiência ensina que se a Sociedade cooperativa estabelece providentemente a sala de instrução, atrai fatalmente aqueles que têm necessidade de alimentar o seu espírito.” As escolas, as bibliotecas e as salas de leitura de Rochdale, Oldham, Bury e de outras cidades têm unido um número muito grande de homens que não se teriam associado pela única ambição do dividendo anual, ainda mesmo, como é natural, sendo esse ‘retorno’ tão apreciado pela maior parte dos trabalhadores e suas famílias.

Conclui-se, então, que não só o valor da educação era reconhecido, como também existia interesse e disposição por parte dos associados em investir financeiramente para que o processo de aprimoramento da educação se materializasse. As ações da Junta da Seção de Educação eram voltadas para a ampliação de oportunidades de acesso à educação.

2.2 Quinto Princípio do Cooperativismo: Educação, Formação e Informação

Como diz Freitas in Gawlak e Ratzke (2007, p. 7), em seu texto de apresentação do livro *Cooperativismo: primeiras lições*, diz:

A Educação, Formação e Informação é o quinto Princípio do Cooperativismo e o mais importante, pois todos os demais dele dependem. Por isso, a OCB - Organização das Cooperativas Brasileiras, criada em 1969, definiu a Diretriz Nacional de Educação Cooperativista, a ser implementada pelo Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo - Sescop, em todas as suas Unidades Estaduais tendo como objetivo final, melhorar a qualidade de vida dos associados.

Ao pensar a educação como possibilidade de harmonização dos contrastes que refletem as desigualdades sociais e econômicas existentes no Brasil, Pinho in

Schneider (2003) vai ao encontro do que afirmam Gawlak e Ratzke, (In GAWLAK; RATZKE, 2007) tanto sobre a importância do 5º Princípio – *Educação, Formação e Informação* – quanto à contribuição proporcionada pela educação no que se refere à melhoria da qualidade de vida dos associados.

Pinho in Schneider (2003), ao citar as crescentes desigualdades sociais e econômicas regionais como um dos maiores desafios enfrentados pelo Brasil, coloca a educação como um dos mais eficientes instrumentos de correção desses contrastes. Essa afirmação reitera a importância e justifica o fato de a educação ser uma das prioridades do Sistema OCB-SESCOOP e preocupação do movimento cooperativo internacional desde sua origem.

2.3 O papel da Aliança Cooperativa Internacional (ACI), Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), Organização e Sindicato Estadual de Cooperativas (OCEs) e Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (SESCOOP) na construção de diretrizes e implementação da educação cooperativista

Para a compreensão do papel das instituições citadas, é necessário conhecer o significado e objetivo de cada uma.

Segundo Gawlak e Ratzke (2007),:

A ACI foi fundada em 1895 e, com sede em Genebra (Suíça), congrega cooperativas dos cinco continentes. Tem, como objetivo e foco de atuação, o fortalecimento mundial do cooperativismo. Faz parte de suas responsabilidades estimular e difundir a doutrina, filosofia e educação cooperativista;

A OCB foi criada em 1969 e tem como finalidade representar cooperativas de todos os ramos de atuação. Através da Lei 5.764, de 1971, teve reconhecimento como representante oficial das cooperativas tornando-se órgão técnico consultivo do Governo brasileiro que congrega as organizações estaduais, OCEs, constituídas com a mesma finalidade;

A OCE tem como objetivo representar a OCB em cada respectivo estado do Brasil, prestar serviços e defender os interesses das cooperativas filiadas, bem como exercer a representação sindical da categoria em âmbito estadual. É formada por cooperativas singulares, federações, confederações e centrais de todos os ramos e, pela Lei 5.764/71, todas as cooperativas são obrigadas a se cadastrar na

OCE do seu estado e devem contribuir com 0,2% do valor do capital integralizado e fundos do exercício do ano anterior. ;

O SESCOOP foi criado pela Medida Provisória nº 1.715 de 3 de setembro de 1998 com a finalidade de viabilizar a Autogestão do Cooperativismo Brasileiro, tendo seu regimento aprovado pelo Decreto 3.017 de 6 de abril de 1999. Cabe ao SESCOOP operacionalizar o monitoramento e o controle da gestão de cooperativas, conforme sistema desenvolvido e aprovado em Assembleia Geral da OCB, investir continuamente na capacitação e na promoção social dos associados, dirigentes e funcionários, auxiliando na implantação definitiva da autogestão e assessorar o Governo Federal em assuntos de formação profissional e gestão cooperativista, contribuindo para a formulação de políticas públicas adequadas à criação de postos de trabalho e geração de renda pelo cooperativismo. A manutenção do SESCOOP se dá por meio de contribuição mensal compulsória de 2,5% sobre o montante da remuneração paga pelas cooperativas aos funcionários.

Ainda, de acordo com Gawlak e Ratzke, (2007), a criação e institucionalização da ACI, OCB, OCE E SESCOOP, que têm como objetivo central a definição de diretrizes, desenvolvimento e implementação de programas de educação cooperativista, reafirmam a importância da educação para o fomento, fortalecimento e consolidação do movimento cooperativista.

Reafirmando a importância do papel do SESCOOP na implementação da educação cooperativista Schneider (2010, p. 106), diz:

Uma das instituições mais importantes do sistema cooperativo é o Serviço Nacional de Aprendizagem Cooperativa (SESCOOP), criado em anos recentes com intuito de financiar cursos de educação, formação e capacitação cooperativa, incentivando dessa forma não somente o lado instrumental da associação, a empresa, mas também a associação de pessoas.

Segundo Schneider (In SCHNEIDER, 2003, p. 52), citando Laidlaw, “Enquanto a empresa comercial progride e avança na cibernética, a educação cooperativista continua na idade da pedra”. Conforme o mesmo autor (In SCHNEIDER, 2003), compreende-se que existe um obstáculo que precisa ser superado para que as novas gerações tenham oportunidade de conhecer e de se identificar com a proposta cooperativista. No Brasil, muitos dos programas de capacitação desenvolvidos não atingem a expectativa, acontecem de forma

desorganizada, isolada e desarticulada, gerando dispersão de recursos. Em continuidade, o autor afirma que

Espera-se que agora, com a implantação do Serviço Nacional de Aprendizagem Cooperativo - SESCOOP, sempre que em estreita harmonia e interação com as organizações cooperativas e as universidades que têm centros ou núcleos de cooperativismo, poderá haver um avanço, em termos de um trabalho sistemático, doutrinariamente adequado, e em condições de dar respostas às demandas de educação e capacitação do sistema cooperativo dos mais diversos ramos. (In SCHNEIDER, 2003, p. 52).

Pinho, in Schneider (2003, p. 140), ao tratar sobre a educação do cooperativismo “formal” - Sistema OCB-SESCOOP, diz que a criação, em 1999, do SESCOOP, Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo, “[...]representou importante instrumento operacional do Sistema OCB, Organização das Cooperativas Brasileiras, para o ensino de formação profissional e a promoção social dos trabalhadores e dos cooperados, em todo o território nacional (art. 1º. de seu Regimento Interno)”. Em continuidade, a autora em foco, afirma que o SESCOOP tem como finalidade e responsabilidade a organização, administração e execução do ensino de formação profissional, apoiar as cooperativas empregadoras no que se refere ao desenvolvimento e implementação de programas de treinamento, estimulando que as atividades educativas sejam permanentes, tanto para trabalhadores da cooperativa quanto para os cooperados e suas famílias. Essa prática educativa resulta no aprimoramento do processo de gestão da cooperativa e na melhoria da qualidade de vida dos associados e seus familiares. Considerando a dimensão territorial do Brasil, o SESCOOP Nacional é responsável, principalmente, pelo estabelecimento de diretrizes fundamentais da profissionalização e da promoção social dos trabalhadores e dos cooperados, enquanto que os SESCOOPs estaduais ficam responsáveis pela parte operacional.

Para Schneider (2010), em nível de organizações cooperativas, a responsabilidade pela educação, formação e capacitação cooperativa compete, fundamentalmente, à Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), à Organização das Cooperativas Estaduais (OCEs), às Confederações, suas Federações e Cooperativas Centrais, enquanto o Serviço Nacional de Aprendizagem Cooperativa (SESCOOP/BR) e suas unidades estaduais, hoje, tem como finalidade principal a formação e a capacitação cooperativa e profissional dos dirigentes, funcionários e associados de cooperativas.

Porém, para que se cumpram os objetivos estabelecidos tanto pelo SESCOOP quanto pelas demais instituições, no que se refere à materialização da proposta de educação cooperativista, é imprescindível que exista um compromisso por parte das cooperativas em capacitar tanto seus associados quanto seus funcionários. Conforme Pinho in Schneider (2003, p. 154),

Segundo as diretrizes do SESCOOP/Nacional, estabelecidas logo no início de seu funcionamento, e completadas no decorrer do tempo, os cursos sobre cooperativismo não devem ser considerados eventos isolados oferecidos pelos SESCOOPs Estaduais, mas devem estar ligados a uma ação mais ampla desenvolvida interativamente com as cooperativas. Ou seja, cada cooperativa deve ter seu Plano de Negócio ou Plano de Trabalho que servirá de orientação para o desenvolvimento de trabalhos de capacitação dos cooperados e dos empregados das cooperativas.

Confirmando a importância da educação, a ACI tem destacado papel contribuindo sobremaneira para o aprimoramento do processo de educação cooperativista ao definir o 5º Princípio: *Educação, treinamento e informação*.

Pinho in Schneider (2003) afirma que, apesar das alterações incluídas pelas assembleias internacionais da ACI de 1934 (Londres), 1937 (Paris), 1966 (Viena) e em 1995 no Congresso do Centenário da ACI, em Manchester, a educação dos associados continua fazendo parte dos “princípios de identidade” do Cooperativismo mundial. A última modificação, em 1995 (p. 137-138), após ampla consulta internacional, deu a seguinte redação ao item 5º:

[...] educação, treinamento e informação, ampliando, portanto, o direcionamento da educação cooperativa incluindo, além dos associados, os representantes eleitos, administradores, executivos e empregados da cooperativa, e recomendou, ainda, que os benefícios do Cooperativismo sejam estendidos ao público, em especial aos jovens e aos líderes da comunidade.

2.4 Formas de educação

Considerando a importância da educação para o permanente desenvolvimento e consolidação do sistema cooperativista, buscou-se identificar na visita feita aos textos dos autores referenciados, como a educação cooperativista efetivamente acontece.

Com a finalidade de apresentar a diferença entre educação e capacitação, Schneider (2010, p. 30-31), diz

[...] como educação cooperativa, entendemos como tal um conjunto de ensinamentos que não só proporcionam maior aporte cultural aos envolvidos, mas trabalham valores, princípios e normas, e, neste caso, os

do cooperativismo, ou seja uma educação voltada ao desenvolvimento da pessoa humana, plenamente consciente do seu papel e de sua responsabilidade na cooperativa e conseqüentemente na sociedade, uma pessoa solidária e altruísta, comprometida por laços de reconhecimento com sua comunidade.

Enquanto capacitação cooperativa, segundo Schneider (2010), corresponde ao conjunto de técnicas e ensinamentos destinados às pessoas com o objetivo de prepará-las para desempenharem com mais eficiência e qualidade suas atividades laborais, o conceito de formação presume a possibilidade de aperfeiçoamento das capacidades pessoais, favorecendo tanto o exercício das atividades quanto a produtividade.

Gawlak e Ratzke (2007), ao abordar o papel da educação para cooperar, cita o modelo familiar, com a prática da ajuda como fundamental para a educação cooperativa. Considera, ainda, que a mesma se reflete positivamente no processo de ensino-aprendizagem e que as ações, experiências e trabalhos em conjunto, promovem o crescimento moral e intelectual, fortalecendo o sentido de união. Ao afirmar que o exemplo é a melhor forma de educação, sugere que as ideias, atitudes, maneiras de pensar e de agir influem diretamente no comportamento do indivíduo, podendo ser somadas ou até multiplicadas durante a interação com outras pessoas que fazem parte de seu ambiente familiar, social e cultural. O autor afirma ainda que “A educação participativa oportuniza novos caminhos e novas formas de convivência. Desenvolve a igualdade e a liberdade no direito de pensar, ouvir, questionar, analisar, aprovar, avaliar e agir.” (2007, p. 9) Para Schneider (In SCHNEIDER, 2003), a educação é essencial para a cooperação e deve ser permanente. Considera, também, que a aprendizagem acontece pela experiência e pela educação ao longo da vida. A cooperação faz parte da vida e das experiências, portanto também educa, mas coloca que o aprendizado acontece apenas para aqueles que desejam aprender com e dentro dos limites de sua própria experiência e que “[...] se a vida educa, ela também pode educar mal, devido aos maus exemplos.” (2003, p. 24). Continuando, o autor afirma: “A cooperação educa, quando formula exigências a seus participantes que somente poderão satisfazer se são capazes de adquirir novos conhecimentos e adotar novas formas de comportamento.” (2003, p. 24).

2.5 Educação cooperativista

É inequívoca a importância da educação cooperativista e, nesse contexto, é importante se entender como ela acontece e em que espaço da educação formal ela se situa. A ideia de que a educação cooperativista inicia na família e tem continuidade na escola encontra respaldo em Gawlak e Ratzke (2007) que, ao tratar da educação, argumentam que, ao ingressar na escola, a criança traz consigo uma bagagem de conceitos, experiências e conhecimentos vivenciados no núcleo familiar e que a escola deve ser um ambiente saudável e favorável ao desenvolvimento moral e intelectual das mesmas. Adiante, Gawlak e Ratzke (2007), dizem que a escola deve ser uma extensão da família, onde se estabeleça um diálogo entre o educador e educando que favoreça a integração e que privilegie o clima de confiança, respeito e cooperação entre os participantes. De acordo com os mesmos autores (2007, p. 11), “O ensino deve ser coerente com a realidade da criança e da comunidade. Cabe ao educador servir-se da metodologia participativa, usando a criatividade e aproveitando cada situação para transformá-la em vivência.” Em suas considerações sobre educação cooperativista no ambiente escolar, Schneider (In SCHNEIDER, 2003, p. 40-41), ao tratar sobre o ensino do cooperativismo na Escola Básica, argumenta que “[...] o ensino do cooperativismo nos estabelecimentos de educação regular pode ter um duplo objetivo: a) proporcionar uma informação geral sobre a matéria a todos os estudantes; b) contribuir para a formação de dirigentes, administradores e educadores cooperativistas.”

Segundo Ferreira e Silva, (2015, p. 18-19),

A consciência e a compreensão do que representa o cooperativismo e a sua cultura são elementos que não têm sido abordados no sistema tradicional de ensino, o que limita a formação profissional e também a compreensão de mundo dos indivíduos. Essa condição tem gerado um esforço adicional das cooperativas ao buscar um padrão de profissionalização que beneficie a cooperação. Para isso, as cooperativas precisam investir fortemente na formação dos seus colaboradores, já que muitas vezes não estão preparados para a cooperação e desconhecem a cultura do sistema cooperativista.

Schneider (In SCHNEIDER, 2003, p. 54-55), citando Harlad Elldin ao fazer referência à importância do princípio da educação e capacitação, diz que a Comissão dos Princípios do Congresso da ACI, já em 1966, em Viena, recomendava: “Todas as cooperativas devem tomar providências para a educação

de seus membros, empregados, dirigentes e público em geral nos princípios e nas técnicas tanto econômicas como democráticas de cooperação.”

Entende-se, assim, que, para Schneider (In SCHNEIDER, 2003), o associado, ao ingressar em uma cooperativa, além de buscar benefícios individuais, também estará preparado para participar de um processo em que todos se ajudam entre si e são solidários, práticas fundamentais para uma verdadeira cultura cooperativista.

Para Baioto, (2008, p. 15), “[...] a educação cooperativa solidária visa potencializar formas de construções coletivas e interpessoais entre os trabalhadores, como forma possível de organização do trabalho.”

Schneider (In SCHNEIDER, 2003), considera que o ensino do cooperativismo para alunos da Educação Básica pode produzir resultados muito positivos. As técnicas aplicadas podem ser diversificadas por meio da utilização de métodos apropriados e o importante é alcançar os objetivos propostos. Cita como modelo, para a educação de crianças e jovens, a implementação das cooperativas escolares e juvenis. Destaca que as mesmas, deverão ter uma prática de gestão exemplar cumprindo, com responsabilidade, sua finalidade educativa. Ao fazer referência ao cooperativismo nas universidades, o autor afirma:

Em várias universidades da América Latina e do Brasil, surgiram institutos especializados de cooperativismo, onde iniciaram um intenso trabalho educativo e de capacitação, introduzindo disciplinas de cooperativismo nos diversos cursos, realizando seminários, estabelecendo fóruns de debate, em especial nas áreas de economia, administração, direito, psicologia, ciências sociais etc. (In SCHNEIDER, 2003, p. 42).

Segundo Gawlak e Ratzke (2007), a escola deve ser um espaço em que a descoberta de talentos e ideias criativas sejam respeitadas, valorizadas e estimuladas. As atividades recreativas representam um cenário importante para a identificação das habilidades dos participantes como líderes, pensadores, conciliadores, entre outros. É importante que sejam idealizadas de forma a estimular a união, cooperação, confiança, espírito de equipe, pensar no coletivo e praticar a solidariedade. Nas atividades competitivas, o educando entra em contato com os sentimentos de vitória, derrota, sucesso, perda, humildade e fraternidade. Em outras atividades, todos os participantes ganham preservando a autoestima e o vigor dos grupos fortalecendo a cultura da cooperação. A educação cooperativista pode, portanto, acontecer de várias formas, a começar pelo ambiente familiar, seguido da

escola, que, com atividades desenvolvidas, poderá representar um espaço de estímulo e desenvolvimento de habilidades cooperativas.

2.6 Educação cooperativista: importância e seus reflexos

Neste item, pretende-se, por meio de uma visita a textos produzidos por diversos autores, identificar o que os mesmos dizem sobre a importância e reflexos da educação no cenário cooperativista.

Considerando-se que a existência de cooperativas presume a existência de associados, constata-se que, segundo Gawlak e Ratzke, (2007), a realização de cursos sobre cooperativismo é indispensável para que o indivíduo entenda o que é e como funciona uma cooperativa, tornando-se um associado ciente de seus direitos e obrigações junto à organização cooperativa.

Confirma-se a ideia de Schneider in Schneider, (2003, p. 13-14), que, ao abordar os pressupostos da educação cooperativa, observa que

A educação e capacitação são indispensáveis em qualquer instituição, sendo que para as cooperativas representam uma questão de sobrevivência sob o risco de as mesmas se desvirtuar ou até mesmo serem absorvidas pelo sistema socioeconômico e pelo processo social dominante que é a concorrência e o conflito. É através da educação que é possível transformar o perfil do associado desinformado, desestimulado desinteressado, não participativo, individualista, para um perfil de associado bem informado, solidário, motivado e participativo.

Observa-se que segundo Frantz (in SCHNEIDER, 2003, p. 69), na medida em que o cooperativismo reaparece como uma importante alternativa econômica e social, a educação em organizações cooperativas passa a exercer um fator relevante tanto para a sua constituição e funcionamento quanto sob o aspecto mais amplo de sua responsabilidade e tarefa social. Os reflexos da globalização atingem também as organizações cooperativas que,

[...] no contexto de mudanças, tornam-se também importantes espaços de educação, de aprendizagem e de construção de poder, condições necessárias para o enfrentamento das condições adversas do rápido e profundo processo de transformações, especialmente no mundo do trabalho.

É conhecida a importância da educação e capacitação para todas as faixas etárias, porém nem sempre essa educação é valorizada como deveria. De acordo com Pinho (2003, p. 139), “Os dirigentes e os intelectuais cooperativistas brasileiros

sempre valorizaram a norma rochdaleana de educação cooperativa. Contudo, na prática, os programas de educação cooperativa quase sempre foram descontínuos ou esporádicos.”

Segundo Schneider (2003), para que o movimento cooperativista cresça e se fortaleça de forma autêntica, é prioritário que a educação cumpra seu papel, incluindo, em seu trabalho educativo, a disseminação dos valores e princípios que compõem a doutrina cooperativista.

Ainda de acordo com Schneider (In SCHNEIDER, 2003, p. 14), à medida que se vive em um mundo caracterizado pelo individualismo, pela concorrência e pela falta de solidariedade, educar para cooperar, passa a ser uma tarefa complexa e desafiadora, já que a mesma tem, em sua essência, a ajuda mútua. A educação cooperativa deve ser permanente e tarefa precípua das cooperativas já que “[...] não será uma sociedade e uma cultura competitiva que preparará as pessoas para a cooperação.” É importante que os dirigentes de cooperativas sejam sensíveis a essa situação e invistam em educação para seus associados e funcionários.

Ferreira e Silva (2015, p. 19) afirmam que

O modelo educacional em geral enfatiza a superação e a competição, deixando em segundo plano a cooperação e solidariedade, o que forma profissionais bastante focados no crescimento unilateral. Essa condição generalizada faz com que caiba ao sistema cooperativista suprir aos seus colaboradores uma formação adequada que corrija distorções e alinhe os ideais da cooperativa com o trabalho prestado pelos seus colaboradores.

Novamente, recorre-se a Schneider (In SCHNEIDER, 2003, p. 16) quando o autor destaca que a importância da educação cooperativista se fundamenta na possibilidade de oferecer uma contrapartida ao modelo de educação predominantemente individualista e neoliberal existente. Nesse contexto, é fundamental oferecer uma formação referenciada na constituição de valores, de autonomia com base na ajuda mútua, fundamentada em relações solidárias, democráticas, participativas e de acompanhamento, fiscalização e controle dos processos dentro das organizações, ou seja: “Os processos educativos do cooperativismo são os meios pelos quais ocorre a transmissão das ideias, dos valores, dos princípios e das atitudes próprias do cooperativismo. Por isso há estreitos vínculos entre cooperativismo e educação.”

Schneider (In SCHNEIDER, 2003, p. 14) afirma também que

A educação doutrinária é fundamental, pois é ela que, por meio de seus valores e princípios, dá sentido a todo o processo, que incentiva e direciona todas as atividades e práticas cooperativistas em prol de maior bem-estar e dignidade das pessoas que compõem a cooperativa. É o trabalho sobre os valores e princípios do cooperativismo que cria entre os agentes da cooperação a afinidade mental e afetiva que os motiva a cooperar e a continuar cooperando.

Schneider (In SCHNEIDER, 2003) diz, ainda, que a educação cooperativista deve ter como objetivo não somente a formação doutrinária com base nos valores cooperativos, mas também ter como foco a formação e capacitação técnica para que o cooperado exerça com eficiência e eficácia as suas atividades junto à cooperativa. O autor observa, também, que a educação cooperativa tem como finalidade não só possibilitar que os associados entendam o que significa cooperação e quais são as peculiaridades que caracterizam as organizações cooperativas, mas igualmente capacitar as pessoas para a gestão do negócio cooperativo em todas as suas formas. Entende-se, assim, que o conhecimento mais aprimorado sobre cooperativismo, por intermédio da apresentação de um diferente modelo de organização, favorece a adesão de novos associados ao mesmo tempo em que torna mais efetiva a participação dos cooperados já existentes. Ao proporcionar a oportunidade de atualização dos funcionários das cooperativas, a educação cooperativa contribui de forma relevante para que, ao conhecerem melhor a cooperativa para a qual trabalham, os associados possam manter um relacionamento mais produtivo entre si e com os proprietários da organização.

Em consonância com as considerações de Schneider (In SCHNEIDER, 2003), Oliveira (2012, p. 52), afirma:

É impossível gostar daquilo que não é conhecido. Portanto a formação e informação a respeito dos processos cooperativos, desde os doutrinários até os técnicos específicos, são de extrema importância para que o associado exerça seu poder de decisão através dos mecanismos reconhecidos.

Segundo Watkins, citando Maurice Colombain, apud Schneider (2003, p. 17),

Foi dito que o cooperativismo é um movimento econômico que emprega a ação educativa. Poderíamos muito bem alterar a ordem desta frase e dizer que o cooperativismo é um movimento educativo que utiliza a ação econômica, sem que por isso deixasse de estar correta a afirmação.

Em sintonia com a afirmação de Watkins, Schneider (In SCHNEIDER, 2003, p. 17) destaca que não causa nenhuma estranheza o fato de os movimentos

cooperativistas mais desenvolvidos do mundo serem resultantes de influente e permanente ação educativa. Afirma ainda:

Não há dúvida que o pensamento de Robert Owen sobre a importância da educação para a formação do “homem novo” em prol de um “Novo Mundo Moral” influenciou sobre os Pioneiros de Rochdale. Para ele, a educação era fundamental para melhorar o caráter humano das pessoas.

Para Schneider (In SCHNEIDER, 2003), a partir do pensamento de Watkins, sem a prática do princípio da educação torna-se inviável tanto a existência e o desenvolvimento das cooperativas quanto o entendimento e a aplicação prática dos demais princípios cooperativos. Portanto, entende-se que, sem o ensino, a compreensão e a prática dos valores e princípios cooperativos, o propósito cooperativista não se realiza.

Segundo Schneider (2010), a educação, formação e capacitação exercem relevante papel no fortalecimento e desenvolvimento do cooperativismo, ou seja, a educação cooperativa está focada no aprofundamento e consolidação da identidade cooperativa, seu projeto de sociedade e de economia a construir, na dignidade da pessoa humana, seus valores, princípios e normas, o estilo de vida e de trabalho que pretende construir. A capacitação cooperativa está voltada para a profissionalização e preparação para o universo cooperativo, para formar bons e eficientes produtores, poupadores, prestadores de serviços das organizações cooperativas, enquanto a formação congrega o processo de desenvolvimento pessoal, voltado para o desempenho profissional e normalmente se propõe à formação de lideranças.

Schneider (In SCHNEIDER 2003, p. 25) destaca:

Já que a educação cooperativa envolve não somente conhecimentos, mas também práticas, para alcançar seus objetivos, deve ter uma significação ampla, que inclua muito mais do que se aceita geralmente como instrução acadêmica. Em sentido global, é equivalente à soma dos atos e experiências que promovem o crescimento moral e mental dos cooperadores, e o desenvolvimento de sua capacidade para trabalhar com outros, segundo os valores e os princípios cooperativos.

Watkins (apud SCHNEIDER, 2003, p. 25), diz que “As pessoas não devem ser educadas para a cooperação, mas devem ser continuamente reeducadas na cooperação.”

Frantz (In SCHNEIDER, 2003, p. 65), considera que em sociedades, principalmente as latino-americanas, onde predomina um sistema desigual de

produção e distribuição de riquezas, o associativismo e o cooperativismo representam o formato mais adequado para equacionar esse impasse, gerando um ambiente econômico e político que vá ao encontro dos anseios da população. No entanto, segundo o autor,

[...] essa função do cooperativismo só pode ser alcançada e assegurada pela permanente comunicação e educação de seus integrantes, pela qualificação de seus associados, dirigentes e funcionários, pela participação política e econômica de todos os associados na elaboração dos planos e execução dos projetos de suas cooperativas.

Constata-se, nessa afirmação, a exata importância da educação para que o cooperativismo possa cumprir sua finalidade social e econômica na sociedade.

Em suas considerações sobre as formas e procedimentos da educação cooperativa, a partir de Garzón, Schneider (In SCHNEIDER, 2003) afirma que a educação deve ser pensada como instrumento de aprimoramento da associação como uma organização empresarial que deve produzir resultados para os associados, ou seja, deve ir além da difusão da doutrina cooperativa para os novos sócios, mas também capacitar tecnicamente e em diferentes níveis os que assumem a responsabilidade pela gestão da associação. É essencial que a fundamentação doutrinária seja acompanhada de formação econômica, administrativa e técnica, tornando-se imprescindível que educação e capacitação caminhem juntas.

Para Frantz (In SCHNEIDER, 2003, p. 66-67), faz parte da prática cooperativa, que seus integrantes interajam, através da comunicação, sobre quais são seus interesses e objetivos. Esse formato permite que cada um possa apresentar seus argumentos e contribuir para as decisões a serem tomadas e dá, à organização cooperativa, um aspecto de lugar de convivência e aprendizado. Reconhece-se, na organização cooperativa, um espaço de educação e convivência social. Nessa troca de informações, a partir de uma situação real e comum a todos, a cooperação contribui para o processo de educação e a educação potencializa o processo de cooperação. “[...] na prática cooperativa, para além de seus propósitos e interesses específicos, produz-se conhecimento, educação, aprendizagem; na prática educativa, enquanto um processo complexo de relações humanas, produz-se cooperação.”

Segundo Schneider (2010, p. 51-52)

No contexto atual, porém, a educação cooperativa encontra algumas dificuldades na sua realização: muitos dirigentes optam em destinar grande

parte dos recursos à capacitação, e isso se dá seja por falta de clareza conceitual destes que não conseguem diferenciar capacitação de educação, seja porque a capacitação dá um retorno mais rápido à cooperativa dos investimentos e esforços destinados a esta atividade junto aos funcionários e associados, que passam a produzir mais e melhor. Outras vezes, verifica-se até uma real falta de vontade dos líderes, que não têm interesse que seus associados despertem em prol de uma cidadania mais ativa, intervindo diretamente em seus mandatos e nas questões internas da associação.

Finaliza-se o referencial teórico com o olhar de Schneider, Frantz e Pinho (In SCHNEIDER, 2003) sobre educação cooperativa:

De acordo com Schneider (In SCHNEIDER, 2003, p. 52)

[...] a educação cooperativa é um dos pilares do cooperativismo, desde os Pioneiros de Rochdale. A educação cooperativa sempre esteve em destaque e foi reafirmada nos três congressos que trataram especificamente dos princípios do cooperativismo. Ela é mola mestra, o pré-requisito para que a cooperativa cumpra com todas as suas funções sociais. Porém, se na teoria se exalta a importância da educação, na prática pouco se faz a favor da mesma. A educação está sendo menosprezada nas cooperativas. O que se encontra são alguns casos isolados de cooperativas que se ocupam com o tema, mas que pouco ou nada refletem no todo do movimento.

Conforme Frantz (In SCHNEIDER, 2003, p. 67),

A educação como ação social ou como prática social aparece, no entanto, muitas vezes, de forma difusa, associada a processos de comunicação, de interação entre associados, dirigentes, funcionários ou outros interlocutores, presentes no espaço da cooperação. Aparece como uma ação entre sujeitos que querem construir os seus espaços políticos, os seus espaços econômicos, os seus espaços de vida, enfim. Ou, em outras circunstâncias e sentidos pedagógicos, aparece como uma “prática sobre outros”, procurando influenciá-los em suas idéias e seus valores, em seus modos de pensar, de interpretar a vida social. Especialmente na organização e funcionamento de uma cooperativa, a educação aparece como um processo, sugerindo ou levando a comportamentos e visões de mundo, favoráveis à natureza da prática cooperativa.

Segundo Pinho (In SCHNEIDER, 2003, p. 136-137),

[...] metaforicamente, pode-se afirmar que a educação dos associados, ou educação cooperativa, é importante “cláusula pétrea” do sistema cooperativo internacional introduzida como “sétima regra” da famosa Society of Equitable Pioneers, fundada em 1844, em Rochdale, vem resistindo às alterações introduzidas, tanto pelos próprios Pioneiros, como posteriormente pela ACI, Aliança Cooperativa Internacional, representante do sistema cooperativo mundial.

A partir dos autores referenciados e, particularmente, de acordo com Gawlak e Ratzke (2007), o exercício do trabalho cooperativo proporciona às pessoas a descoberta de seu potencial e o desenvolvimento de empatia, refletindo-se na melhora da qualidade de vida. Com a vivência cooperativista, o indivíduo

experimenta os sentimentos de união, colaboração, solidariedade, de trabalho conjunto e constata que não está mais sozinho, passando, então a existir uma comunhão de atitudes e pensamentos de grupo e partilhamento do mesmo êxito e atitudes de cooperação.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Depois das experiências vivenciadas, tanto por meio da convivência com os colegas e professores da XXXIV turma do curso de Especialização em Cooperativismo – Unisinos em parceria com o SESCOOP –, quanto nas disciplinas relacionadas à educação de forma geral ou, especificamente, à educação cooperativista, este trabalho é respaldado por uma pesquisa bibliográfica que referencia o tema e, dessa forma, chegou-se à definição do problema a ser estudado:

Qual é o fomento para a educação cooperativista desencadeada (proposta) pela OCERGS-SESCOOP/RS?

De acordo com o problema apresentado, definiu-se como Objetivo Geral,

Analisar o fomento para a educação cooperativista no Rio Grande do Sul a partir da OCERGS-SESCOOP/RS.

E, como Objetivos Específicos,

a) Identificar, a partir de pesquisa junto à OCERGS/SESCOOP, os programas de educação cooperativista existentes e qual é o método utilizado na implementação dos mesmos;

b) Verificar a existência de uma matriz curricular obrigatória pela OCERGS/SESCOOP para implementação de cursos e/ou programas de educação cooperativista;

c) Constatar se a matriz curricular, caso exista, estabelecida formalmente pela OCERGS/SESCOOP, fomenta os princípios e valores da doutrina cooperativista.

Para realizar a investigação, optou-se por utilizar o estudo de caso que, segundo Gil (2008) "é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira a permitir seu conhecimento amplo e detalhado [...]" (p.54). Ainda sobre estudo de caso Yin (2010, p. 39) diz: "[...] é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre fenômenos e o contexto não são claramente evidentes".

Para realizar a coleta de dados, foi, inicialmente, feita a pesquisa bibliográfica, momento em que ocorreu o diálogo com os autores para compreender o que é e como acontece a prática da educação cooperativista e seus reflexos no cooperativismo. Na etapa seguinte, efetuou-se uma pesquisa documental, com a

finalidade de conhecer o histórico de constituição das instituições pesquisadas e verificar a inclusão da proposta de educação cooperativista em seus estatutos e regulamentos. A principal fonte de consulta utilizada foram os *sites* das instituições, neste caso, OCERGS-SESCOOP/RS. A seguir foi realizada uma visita à gerência de formação profissional do SESCOOP, com a finalidade de conhecer como se apresenta a estrutura de educação cooperativista na instituição e, após foi realizada uma entrevista semiestruturada, gravada, com o entrevistado A e entrevista estruturada com o entrevistado B, que optou por encaminhar as respostas por escrito.

De acordo com Gil (2002, p. 141),

Pode-se dizer que, em termos de coleta de dados, o estudo de caso é o mais completo de todos os delineamentos, pois vale-se tanto de dados de gente quanto de dados de papel. Com efeito, nos estudos de caso os dados podem ser obtidos mediante análise de documentos, entrevistas, depoimentos pessoais, observação espontânea, observação participante e análise de artefatos físicos.

Para garantir a coleta de informações necessárias para a realização deste estudo, organizou-se o instrumento de recolhimento de dados a partir do problema e dos objetivos do trabalho (Apêndice A).

Os dados coletados aparecem a seguir analisados e interpretados considerando a fundamentação teórica apresentada no capítulo 2.

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

O presente trabalho teve como objetivo analisar o fomento da educação cooperativista no Rio Grande do Sul, a partir da OCERGS-SESCOOP/RS. Para tanto, foi feita uma entrevista semiestruturada com o entrevistado A e uma entrevista estruturada com o entrevistado B, sendo que, nesta análise, foram consideradas as informações relativas aos objetivos da pesquisa: Analisar o fomento para a educação cooperativista no Rio Grande do Sul a partir da OCERGS-SESCOOP/RS, ressaltando-se, porém, que as informações coletadas contribuíram sobremaneira para a compreensão da realidade investigada, favorecendo o entendimento do papel da OCERGS-SESCOOP/RS no fomento à educação cooperativista, e quais são o conceito e a importância das ações de fomento à educação cooperativista no estado.

Os dados coletados foram organizados em seis tópicos: O Papel da OCERGS-SESCOOP/RS na educação cooperativista; Conceitos de educação, capacitação e formação; Importância da educação cooperativista e seus reflexos; Matriz curricular e método utilizado nas práticas e iniciativas de educação cooperativistas realizadas pela OCERGS-SESCOOP/RS; Onde e como a OCERGS-SESCOOP/RS se coloca como fomentadora da educação cooperativista e Ações de Fomento à educação cooperativista pela OCERGS-SESCOOP/RS, no Rio Grande do Sul.

4.1 O papel da OCERGS-SESCOOP na educação cooperativista

O papel da OCB, OCEs e SESCOOP, é considerado como fundamental para o desenvolvimento e fomento da educação cooperativista. Delinear, de forma clara, o papel da unidade estadual, é prioritário para o entendimento de como se situa e qual é a posição ocupada pela educação cooperativista no Rio Grande do Sul.

O entrevistado A explicou que o SESCOOP foi criado com a exclusiva finalidade de capacitar e formar. Capacitar pessoas para a gestão cooperativista, ou seja, para a gestão profissional cooperativista. Para preparar gestores cooperativistas. Destacou, ainda, que o SESCOOP nasceu para dar resposta à capacitação e a formação enquanto a OCERGS tem que dar resposta à educação. A educação é papel da OCB - Organização das Cooperativas Brasileiras, que está na

Lei 5764/71, na qual um dos objetivos é fomentar a doutrina e a história do cooperativismo nos seus limites. E finaliza: O SESCOOP/RS tem responsabilidade pela capacitação e formação e a OCERGS, pela educação. É nesse contexto que a OCERGS e o SESCOOP/RS atuam, deixando claro o papel e a importância de cada entidade no cenário cooperativista.

Para Schneider (2010), a responsabilidade pela educação, formação e capacitação cooperativa compete, fundamentalmente, à Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), à Organização das Cooperativas Estaduais (OCEs), às Confederações, suas Federações e Cooperativas Centrais, enquanto o Serviço Nacional de Aprendizagem Cooperativa (SESCOOP/BR) e suas unidades estaduais, hoje, tem como finalidade principal a formação e a capacitação cooperativa e profissional dos dirigentes, funcionários e associados de cooperativas.

Porém, para que se cumpram os objetivos estabelecidos tanto pelo SESCOOP quanto pelas demais instituições, no que se refere à materialização da proposta de educação cooperativista, é imprescindível que exista um compromisso por parte das cooperativas em capacitar tanto seus associados quanto seus funcionários.

Reafirmando a importância do papel do SESCOOP na implementação da educação cooperativista Schneider (2010, p. 106) diz:

Uma das instituições mais importantes do sistema cooperativo é o Serviço Nacional de Aprendizagem Cooperativa (SESCOOP), criado em anos recentes com intuito de financiar cursos de educação, formação e capacitação cooperativa, incentivando dessa forma não somente o lado instrumental da associação, a empresa, mas também a associação de pessoas.

Pinho (In SCHNEIDER, 2003, p. 140), ao tratar sobre educação do cooperativismo – Sistema OCB-SESCOOP – diz que a criação, em 1999, do SESCOOP

[...] representou importante instrumento operacional do Sistema OCB, Organização das Cooperativas Brasileiras, para o ensino de formação profissional e a promoção social dos trabalhadores e dos cooperados, em todo o território nacional (art. 1º. de seu Regimento Interno).

Em continuidade, a autora em foco afirma que o SESCOOP tem como finalidade e responsabilidade a organização, administração e execução do ensino de formação profissional, apoiar as cooperativas empregadoras no que se refere ao desenvolvimento e implementação de programas de treinamento, estimulando de

forma que as atividades educativas sejam permanentes, tanto para trabalhadores da cooperativa, quanto para os cooperados e suas famílias. Essa prática educativa resulta no aprimoramento do processo de gestão da cooperativa e na melhora da qualidade de vida dos associados e familiares. Considerando a dimensão territorial do Brasil, o SESCOOP Nacional é responsável, principalmente, pelo estabelecimento de diretrizes fundamentais da profissionalização e da promoção social dos trabalhadores e dos cooperados, enquanto que os SESCOOPs estaduais ficam responsáveis pela parte operacional.

Freitas (In GAWLAK; RATZKE, 2007, p. 7), em seu texto de apresentação do livro *Cooperativismo: primeiras lições*, diz:

A Educação, Formação e Informação é o quinto Princípio do Cooperativismo e o mais importante, pois todos os demais dele dependem. Por isso, a OCB - Organização das Cooperativas Brasileiras, criada em 1969, definiu a Diretriz Nacional de Educação Cooperativista, a ser implementada pelo Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo - SESCOOP, em todas as suas Unidades Estaduais tendo, como objetivo final, melhorar a qualidade de vida dos associados.

Pelo exposto, a OCERGS e o SESCOOP/RS, têm como propósito cumprir seu papel de fomento da educação cooperativista no Rio Grande do Sul.

4.2 Conceitos de educação, capacitação e formação

Considerando que a OCERGS e o SESCOOP/RS têm papéis distintos no que se refere à educação cooperativista e, sendo o primeiro, responsável pela educação e, o segundo, pela formação e capacitação, é importante saber qual é o conceito de educação, formação e capacitação, do que se tratam, para que, de forma concreta, visualize-se a atuação de cada uma.

Ao tratar sobre o conceito de educação, o entrevistado A, para clarear o conceito, usou como metáfora a figura do guarda-chuva. Afirmou que a educação leva a comportamentos e que, embora exista uma relação entre educação e formação, a educação é mais ampla. Ela representa um guarda-chuva e é embaixo desse que se deve formar comportamentos para o cooperativismo, o amor ao cooperativismo. “Não é conhecimento, é amor”. Destacou, ainda, que educar envolve princípios e valores da cooperação. A educação cooperativa leva à cooperação. Proporciona o conhecimento do que é cooperativa, para poder amá-la e praticá-la, na sua síntese, porque é uma doutrina. Uma doutrina cooperativa. E que

a doutrina cooperativa é fundamental para alicerçar exatamente a questão profissional que está sob o guarda-chuva da educação.

Ao se referir à capacitação e formação, o entrevistado A, disse que a educação é básica e que capacitação e formação são resultados e consequências da educação, ainda que sejam “coisas” bem distintas e que é necessário distinguir, claramente, educação de formação. O termo formar, refere-se à graduação, que forma para uma profissão, e/ou pós-graduação *lato sensu* ou *stricto sensu*, enquanto capacitação concorre para habilitar pessoas para determinada função ou atribuição. Reiterou que formação tem relação com a educação, para que aqueles que praticam cooperativismo tenham uma visão clara do que é o cooperativismo, que doutrina é essa qual é o DNA de uma cooperativa.

De acordo com Schneider (2010, p. 30-31),

[...] educação cooperativa, entendemos como tal um conjunto de ensinamentos que não só proporcionam maior aporte cultural aos envolvidos, mas trabalham valores, princípios e normas, e, neste caso, os do cooperativismo, ou seja uma educação voltada ao desenvolvimento da pessoa humana, plenamente consciente do seu papel e de sua responsabilidade na cooperativa e conseqüentemente na sociedade, uma pessoa solidária e altruísta, comprometida por laços de reconhecimento com sua comunidade.

Enquanto, ainda segundo Schneider (2010), capacitação cooperativa, corresponde ao conjunto de técnicas e ensinamentos destinados às pessoas com o objetivo de prepará-las para desempenharem com mais eficiência e qualidade suas atividades laborais. O conceito de formação presume a possibilidade de aperfeiçoamento das capacidades pessoais, favorecendo tanto o exercício das atividades quanto a produtividade.

Segundo Ferreira e Silva (2015, p. 18-19),

A consciência e a compreensão do que representa o cooperativismo e a sua cultura são elementos que não têm sido abordados no sistema tradicional de ensino, o que limita a formação profissional e também a compreensão de mundo dos indivíduos. Essa condição tem gerado um esforço adicional das cooperativas ao buscar um padrão de profissionalização que beneficie a cooperação. Para isso, as cooperativas precisam investir fortemente na formação dos seus colaboradores, já que muitas vezes não estão preparados para a cooperação e desconhecem a cultura do sistema cooperativista.

Pelo exposto, a educação favorece o desenvolvimento de comportamentos e tem como finalidade trabalhar os valores, princípios e normas cooperativas, enquanto formação tem como objetivo a formação profissional em nível de

graduação, pós-graduação *lato sensu* ou *stricto sensu*, e capacitação tem, como foco, a preparação para o desempenho das atividades laborais de forma mais eficiente, gerando um melhor resultado.

4.3 Importância da educação cooperativista e seus reflexos

Não paira dúvida sobre a importância da educação cooperativista, tanto para a constituição, funcionamento e permanência das cooperativas e formação de sócios mais conscientes, quanto para a formação de pessoas mais cooperativas, que tenham como base valores e princípios cooperativos. Como instituições responsáveis pelo fomento da educação cooperativista, é importante conhecer o olhar da OCERGS e do SESCOOP/RS em relação aos processos educativos.

Convidado a discorrer sobre a importância da educação cooperativista, o entrevistado A, definiu a mesma da seguinte forma: “Só a educação sustenta a verdadeira cooperativa”. Afirmou que é fundamental que a educação cooperativista e a capacitação andem juntas, já que, além de ser um bom profissional, é necessário entender de cooperativismo. É por intermédio da educação que se entende o que é uma cooperativa, como funciona, quem é o sócio. É o processo de educação que permite que os sócios conheçam a cooperativa, se encantem por ela e entendam que devem estar ali por um motivo além do interesse individual. Confirmando o reconhecimento da importância da educação cooperativista, disse que é fundamental que as universidades incluam, em seus currículos, o ensino do cooperativismo e que a ausência de formação cooperativista se reflete na qualificação do profissional que precisa enfrentar o mercado de trabalho. Citou, como exemplo, os agrônomos que saem das universidades sem nenhuma informação sobre cooperativas e, depois, o primeiro emprego é em uma cooperativa. Essa importância se justifica na medida que no Rio Grande do Sul, por exemplo, 60% do que se produz vem de um sócio produtor de cooperativa. A OCERGS e o SESCOOP/RS reconhecem e reafirmam a importância da educação cooperativista pela realização de cursos nas cooperativas e convênios firmados com instituições de ensino superior para cursos de graduação e pós-graduação em cooperativismo. Essa importância também está presente na prática pedagógica de atividades de educação cooperativa para crianças e jovens do ensino fundamental e médio.

De acordo com Schneider (In SCHNEIDER, 2003, p. 13-14), ao tratar sobre os pressupostos da educação cooperativa,

A educação e capacitação são indispensáveis em qualquer instituição, sendo que para as cooperativas representam uma questão de sobrevivência sob o risco de as mesmas se desvirtuarem ou até mesmo serem absorvidas pelo sistema socioeconômico e pelo processo social dominante que é a concorrência e o conflito. É através da educação que é possível transformar o perfil do associado desinformado, desestimulado desinteressado, não participativo, individualista, para um perfil de associado bem informado, solidário, motivado e participativo.

Oliveira, (2012, p. 52), afirma:

É impossível gostar daquilo que não é conhecido. Portanto a formação e informação a respeito dos processos cooperativos, desde os doutrinários até os técnicos específicos, são de extrema importância para que o associado exerça seu poder de decisão através dos mecanismos reconhecidos.

Para Pinho (In SCHNEIDER, 2003, p. 136-137),

[...] metaforicamente, pode-se afirmar que a educação dos associados, ou educação cooperativa, é importante “cláusula pétrea” do sistema cooperativo internacional introduzida como “sétima regra” da famosa Society of Equitable Pioneers, fundada em 1844, em Rochdale, vem resistindo às alterações introduzidas, tanto pelos próprios Pioneiros, como posteriormente pela ACI, Aliança Cooperativa Internacional, representante do sistema cooperativo mundial.

Embora haja reconhecimento da importância da educação cooperativista, fica claro, na explanação do entrevistado A, que ainda há muito a ser feito, com destaque ao que se refere à formação em graduação.

4.4 Matriz curricular e métodos utilizados nas iniciativas e práticas de educação cooperativista realizadas pela OCERGS-SESCOOP/RS

Com relação à existência de uma matriz curricular de referência que assegure que a essência do cooperativismo seja mantida por meio do ensino dos fundamentos da doutrina cooperativista e que permita a multiplicação de seus valores e princípios, fomentando o cooperativismo, o entrevistado A disse que a faculdade do SESCOOP/RS, a Faculdade de Tecnologia do Cooperativismo (ESCOOP) tem uma matriz que é necessário que as universidades sigam e que, nos demais programas, é preciso ser feito um acompanhamento sistemático, visto por um(a) técnico (a) da instituição. Com relação ao método, colocou que seria “desastroso” abordar o ensino do cooperativismo como disciplina. Não é ensino, é

prática pedagógica, é amor, transferência de valores. Por intermédio da prática pedagógica, seria possível estender o ensino do cooperativismo para todas as escolas. Considera a prática pedagógica de educação cooperativista para crianças e jovens como meio de o Brasil melhorar a cooperação.

Segundo o entrevistado B, os currículos dos cursos voltados para a educação cooperativista devem privilegiar, especialmente, quatro disciplinas: Direito e Princípios, Direito Cooperativo, Aspectos Contábeis das Sociedades Cooperativas e Gestão/Governança Cooperativa. Complementou dizendo que, os Princípios e Valores são a base da identidade cooperativa e, como tal, devem permear os currículos da educação cooperativista e que, como entidade responsável pela Formação de empregados e associados de cooperativas, é importante que o SESCOOP/RS acompanhe os programas oferecidos por cursos de educação cooperativista para procurar assegurar que a doutrina cooperativista seja respeitada e apresentada de forma adequada.

Segundo Schneider (In SCHNEIDER, 2003, p. 14),

Os conteúdos da educação cooperativa devem levar em conta tanto a formação cooperativista quanto a prática da cooperação, com suas metodologias e estilos adequados de condução do processo cooperativo. A educação doutrinária é fundamental, pois é ela que, por meio dos seus valores e princípios, dá sentido a todo processo, que incentiva e direciona todas as atividades e práticas cooperativistas em prol de maior bem-estar e dignidade das pessoas que compõem a cooperativa. É o trabalho sobre os valores e os princípios do cooperativismo que cria entre os agentes da cooperação a afinidade mental e afetiva que os motiva a cooperar e a continuar cooperando.

É consenso que, conforme a exposição feita pelos entrevistados A e B, além da formação, os valores e princípios cooperativistas devem estar incluídos nos conteúdos dos cursos e programas de educação cooperativista. Com a inexistência de uma matriz curricular de referência para os programas de ensino fundamental e médio, essa possibilidade está assegurada para a graduação que deve seguir uma matriz curricular pré-estabelecida pela ESCOOP.

4.5 Onde e como a OCERGS-SESCOOP/RS se colocam como fomentadoras da educação cooperativista

Considerando a importância da educação para a consolidação e fortalecimento do sistema cooperativista, é relevante identificar onde e como a

OCERGS e SESCOOP/RS se colocam como fomentadores da educação cooperativista

O entrevistado A respondeu que a OCERGS e o SESCOOP/RS se colocam como fomentadores da educação cooperativista em todos os momentos. “Permanentemente”.

O entrevistado B observou que o SESCOOP/RS, como entidade responsável pela Formação Profissional, Promoção Social e Monitoramento das cooperativas e de seus empregados e associados, promove eventos (cursos, palestras, seminários, etc.) para desenvolver a educação cooperativista em diferentes frentes de atuação, com jovens, empregados, associados e comunidade em geral. Cabe ao SESCOOP/RS assegurar que a educação cooperativista seja desenvolvida respeitando a doutrina cooperativista (História, Princípios e Valores) e considerando a evolução social, econômica e tecnológica e seus reflexos na vida das organizações.

Segundo Schneider (In SCHNEIDER, 2003), para que o movimento cooperativista cresça e se fortaleça de forma autêntica, é prioritário que a educação cumpra seu papel, incluindo, em seu trabalho educativo, a disseminação dos valores e princípios que compõem a doutrina cooperativista.

De acordo com os dados coletados e o referencial teórico, a educação cooperativista, em suas múltiplas formas, é o principal instrumento impulsionador da consolidação e fortalecimento do cooperativismo. Esse indicador confere à OCERGS e ao SESCOOP/RS o papel de agentes responsáveis pelo bom e produtivo desempenho de ações de educação cooperativistas no Rio Grande do Sul.

4.6 Ações de fomento à educação cooperativista pela OCERGS-SESCOOP/RS no Rio Grande do Sul

O entrevistado A citou, como ações de fomento à educação cooperativista, o programa *União Faz a Vida* para crianças e os programas *Aprendiz Cooperativo do Campo* e *Aprendiz Cooperativo Geral*, para Jovens e cursos de Formação e Capacitação nas cooperativas. Além desses, destacou a criação de mais de cem Cooperativas Escolares, para crianças e jovens, nos últimos cinco anos e os cursos

de Graduação e Pós-graduação, tanto ofertados pela ESCOOP quanto pelas instituições de ensino, conveniadas no Rio Grande do Sul.

O entrevistado B elencou quatro ações de estímulo ao cooperativismo, desenvolvidas pelo SESCOOP, para crianças e jovens do ensino fundamental e médio, no Rio Grande do Sul: Apoio ao Programa A União Faz a Vida; Apoio à Formação de Cooperativas Educacionais; Propostas/fomento para inclusão da disciplina Cooperativismo no currículo das escolas públicas e Programa de Educação e Cultura Cooperativista. Destacou, ainda, que essas ações impactam a educação cooperativa no Rio Grande do Sul, pois fortalecem a cultura da cooperação procurando criar uma base conceitual para que o cooperativismo seja desenvolvido a partir de seus princípios e valores reconhecidos.

Em nível de graduação e pós-graduação, citou o Programa UNI-SESCOOP/RS, promoção de cursos de Pós-graduação em parceria com Instituições de Ensino Superior do Estado do Rio Grande do Sul, em que no mínimo 70% das disciplinas trata de cooperativismo, e a ESCOOP que mantém o curso de Graduação em Gestão do Cooperativismo e realiza diversos cursos de Pós-graduação voltados a diferentes atividades ou ramos do cooperativismo.

Schneider (In SCHNEIDER, 2003, p. 42) considera que o ensino do cooperativismo para alunos da Educação Básica pode produzir resultados positivos. As técnicas aplicadas podem ser diversificadas por meio da utilização de vários métodos e o importante é alcançar os objetivos propostos. Cita, como modelo para a educação de crianças e jovens, a implementação das cooperativas escolares e juvenis. Destaca que as mesmas devem ter uma prática de gestão exemplar, cumprindo com responsabilidade sua finalidade educativa. Ao fazer referência ao cooperativismo nas universidades, o autor afirma que

Em várias universidades da América Latina e do Brasil, surgiram institutos especializados de cooperativismo, onde iniciaram um intenso trabalho educativo e de capacitação, introduzindo disciplinas de cooperativismo nos diversos cursos, realizando seminários, estabelecendo fóruns de debate, em especial nas áreas de economia, administração, direito, psicologia, ciências sociais etc.

Conforme o problema em estudo sobre qual é o fomento para a educação cooperativista no RS, a partir da OCERGS-SESCOOP/RS, confirmou-se o propósito da OCERGS-SESCOOP/RS em fomentar o cooperativismo através de ações de educação cooperativista para crianças, jovens e adultos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste estudo teve como objetivo analisar o Fomento da Educação Cooperativista no Rio Grande do Sul a partir da OCERGS-SESCOOP/RS

A análise dos dados coletados permitiu responder às questões que nortearam a elaboração do trabalho, possibilitando que fosse visualizado o cenário da educação cooperativista a partir da atuação da OCERGS-SESCOOP/RS.

De forma sucinta, concluiu-se que, considerando os dados, há uma diferença de conceito entre educação cooperativa, capacitação e formação cooperativa. A educação leva a comportamentos e tem como objetivo educar para os valores e princípios do cooperativismo e mostra que a responsabilidade pela educação cooperativista cabe à OCB e, conseqüentemente, à OCERGS, enquanto representante da mesma, no RS. A formação refere-se à formação profissional e está relacionada à graduação e pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*, enquanto a capacitação tem como finalidade qualificar para um desempenho do trabalho com maior eficiência e qualidade. Cabe ao SESCOOP, neste caso SESCOOP/RS, a responsabilidade pelos cursos e programas de formação e capacitação cooperativa.

Quando o tema abordado foi a importância da educação cooperativista, constatou-se que a mesma é reconhecida como fundamental pelo sistema OCERGS-SESCOOP/RS e que, segundo o entrevistado A, somente ela sustenta a verdadeira cooperativa. É a educação que permite que os associados conheçam, entendam e se encantem pelo cooperativismo e que, também, possam ser educados, formados e capacitados para que, efetivamente, contribuam com a evolução e consolidação do sistema cooperativista.

A inclusão do estudo do cooperativismo nos currículos das instituições de ensino de nível superior, a intensificação de práticas pedagógicas cooperativas nas escolas de ensino fundamental e médio e a promoção de cursos de capacitação nas cooperativas e comunidade foram citadas como instrumentos a serem utilizados no equacionamento dessa demanda por educação cooperativista.

Identificou-se que, para dar sustentação e suporte à educação cooperativista, o SESCOOP/RS, através da ESCOOP, tem uma matriz curricular que deve ser seguida pelas instituições de ensino superior conveniadas. Os currículos de cursos

de educação cooperativista devem privilegiar as disciplinas de Direito e Princípios, Direito Cooperativo, Aspectos Contábeis das Sociedades Cooperativas e Gestão/Governança Cooperativa aliados à doutrina cooperativista.

Constatou-se, pelos dados informados, que a OCERGS-SESCOOP/RS considera importante o acompanhamento dos temas cooperativistas trabalhados durante a aplicação dos programas no ensino fundamental, médio e de capacitação e que é feito um acompanhamento *pari passu* por um (a) técnico (a) da instituição.

Verificou-se, pelas informações fornecidas, que a OCERGS-SESCOOP/RS considera o fomento à educação cooperativista uma ação permanente e fundamental na evolução e consolidação do cooperativismo. No caso específico do SESCOOP/RS, percebeu-se que o fomento para a educação cooperativista se dá através da promoção de eventos como cursos, palestras e seminários para jovens, funcionários, associados e comunidade, com a finalidade de desenvolver a educação cooperativista e de cursos de graduação e pós-graduação na ESCOOP e convênios com instituições de ensino superior.

Identificou-se, ainda, que a SESCOOP-RS se vê como responsável por assegurar que a educação cooperativista cumpra seu papel quanto à História, Princípios e Valores cooperativistas.

Em resposta sobre a existência de programas de fomento à educação cooperativista, foram citados:

- Promoção de eventos como cursos, palestras e seminários para jovens, funcionários, associados e comunidade;
- União Faz a Vida, para crianças e jovens;
- Cooperativas Escolares, para crianças e jovens;
- Aprendiz Cooperativo do Campo, para jovens;
- Aprendiz Cooperativo Geral, para jovens;
- Cursos de Formação e Capacitação, para cooperativas;
- Apoio à Formação de Cooperativas Educacionais;
- Propostas para inclusão da disciplina Cooperativismo no currículo de escolas públicas;
- Programa de Educação Cooperativista;
- Cursos de Graduação - ESCOOP e conveniadas;
- Cursos de Pós-graduação - ESCOOP e conveniadas.

Quanto ao método utilizado na implementação dos programas citados, constatou-se que, para a graduação, o estudo do cooperativismo é trabalhado como disciplina enquanto no ensino fundamental e médio, é utilizada a prática pedagógica.

Após fazer a interpretação e análise dos dados coletados, concluiu-se que a OCERGS-SESCOOP/RS tem, em suas iniciativas e práticas, o propósito de fomentar e impulsionar a educação cooperativista no Rio Grande do Sul. Porém, constatou-se que, embora exista o conhecimento e o reconhecimento de que educação pressupõe o ensinamento da doutrina, princípios e valores cooperativistas e que “somente a educação sustenta a verdadeira cooperativa”, o sentimento é de que ainda há muito a fazer.

Algumas questões levam à seguinte reflexão: a existência de matriz curricular formalizada só é utilizada para a graduação e pós-graduação, porém quem pode mudar o cenário do cooperativismo são as crianças e os jovens e, para esses, como assegurar que, nos programas de educação cooperativista, os conteúdos estejam conectados com os valores, princípios e doutrina cooperativista? Outra questão a ser considerada é o fato de que os programas ou cursos de capacitação ainda merecem uma maior atenção do que os programas voltados para a educação.

Embora tenha sido citado que é responsabilidade da OCERGS-SESCOOP/RS primar pela abordagem e discussão da doutrina, princípios e valores cooperativistas, nos programas de capacitação, existe obrigatoriedade apenas de disciplinas técnicas de cooperativismo.

Pela análise dos dados coletados e a partir das leituras realizadas, observou-se que, além da oportunidade da realização de novas aprendizagens, foi possível constatar que há questões com potencial para orientar a realização de outras pesquisas.

REFERÊNCIAS

BAIOTO, Carlos Daniel. **Educação cooperativa solidária: perspectiva e limites**. São Leopoldo: Dissertação de mestrado em ciências sociais Unisinos, 2008.

BRASIL. **Lei nº 5.764 de 16 de dezembro de 1971**. Define a Política Nacional de Cooperativismo, institui o regime jurídico das sociedades cooperativas, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5764.htm. Acesso em: 2 out.2018.

BRASIL. **Medida Provisória nº 1715 de 3 de setembro de 1998**. Dispõe sobre o Programa de Revitalização de Cooperativas de Produção Agropecuária - RECOOP, autoriza a criação do Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo - SESCOOP, e dá outras providências. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/medpro/1998/medidaprovisoria-1715-3-setembro-1998-365524-norma-pe.html>. Acesso em: 2 out. 2018.

BRASIL. **Decreto nº 3.017, de 6 de abril de 1999**. Aprova o Regimento do Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo - SESCOOP. Legislação Informatizada. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1999/decreto-3017-6-abril-1999-371753-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 2 out. 2018.

FERREIRA, Gabriel Murad Velloso; SILVA, Daniela Fonseca da. **Educação cooperativista**. Santa Maria : Universidade Federal de Santa Maria, Colégio Politécnico, Rede e-Tec Brasil, 2015.

FRANTZ, Walter. Educação para o Cooperativismo: A experiência do Movimento Comunitário de Base de Ijuí. In SCHNEIDER, José Odelso (Org.). **Educação Cooperativa e suas Práticas**. Brasília: SESCOOP, 2003.

FREITAS, Márcio Lopes de. Apresentação. In: GAWLAK, Albino; RATZKE, Fabiane. **Cooperativismo: primeiras lições**. Brasília: SESCOOP, 2007.

GAWLAK, Albino., RATZKE, Fabiane. **Cooperativismo: primeiras lições**. Brasília: SESCOOP, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisas sociais**. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

HOLYOAKE, George Jacob. **Os 28 tecelões de Rochdale**. Porto Alegre: WS editor, 2001.

OLIVEIRA, Helio Loureiro de. O Olho do Dono: as relações entre formação, informação e participação em cooperativas. Taquara: **Colóquio Revista Científica da Faccat**, 2012.

PINHO, Diva Benevides. A Educação Cooperativa nos Anos 2000: valorizando a cidadania brasileira. In: SCHNEIDER, José Odelso. (Org.). **Educação Cooperativa e suas Práticas**. Brasília: SESCOOP, 2003.

SCHNEIDER, José Odelso. Pressupostos da educação cooperativa: A visão de sistematizadores da doutrina do cooperativismo. In: SCHNEIDER, José Odelso (Org.). **Educação cooperativa e suas práticas**. Brasília: SESCOOP, 2003.

SCHNEIDER, José Odelso (Coord.). **Educação e capacitação cooperativa**. São Leopoldo: Unisinos, 2010.

SCHNEIDER, José Odelso. **A Identidade Cooperativa**. São Leopoldo: Unisinos, 2013.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2010.

APÊNDICE A - ROTEIRO PARA A ENTREVISTA

- 1) Segundo o SESCOOP, como podemos entender e conceituar educação cooperativista?
- 2) Segundo o SESCOOP, qual é a diferença entre educação e capacitação cooperativista?
- 3) Quais são as formas de fomento (estímulo) para a educação cooperativista desenvolvidas pelo SESCOOP no Rio Grande do Sul?
- 4) Como as ações do SESCOOP impactam na educação cooperativista no Rio Grande do Sul?
- 5) Que ações de educação cooperativista o SESCOOP desenvolve para crianças e jovens do ensino fundamental e médio, no Rio Grande do Sul?
- 6) E, em nível de graduação e pós-graduação, o que existe?
- 7) Qual é a proposta de educação cooperativista defendida pelo SESCOOP?
- 8) Em “Cooperativismo: primeiras lições”, Gawlak e Ratzke (2007), coloca dois momentos: Educar para cooperar e Educação formal. Como se situam estes dois momentos na proposta de educação cooperativista realizada pelo SESCOOP?
- 9) Quais são os programas de educação cooperativista realizados pelo SESCOOP e qual é o modelo utilizado pelos mesmos?
- 10) Existe uma matriz curricular obrigatória pelo SESCOOP para implementação de cursos e/ou programas de educação cooperativista?
- 11) A matriz curricular, caso exista, estabelecida formalmente pelo SESCOOP, fomenta os princípios e valores do cooperativismo?
- 12) Onde e como o SESCOOP se coloca como fomentadora da educação cooperativista?
- 13) Você considera importante que o SESCOOP acompanhe e monitore os conteúdos aplicados, no que se refere aos princípios e valores que fundamentam a doutrina cooperativista, nos programas de educação cooperativista produzidos e aplicados por instituições cooperativas?

14) No congresso do centenário da ACI, em 1995, o 5º Princípio passou a ser Educação, Treinamento e Informação, e a educação cooperativa passou a integrar as atividades de capacitação para, além dos associados, para os representantes eleitos, administradores, executivos e empregados de cooperativas e recomendou, ainda, que o estudo da educação cooperativa seja estendida aos jovens e aos líderes da comunidade. O SESCOOP tem ações voltadas para esses públicos?

15) Registro de outras informações sobre educação cooperativista não contempladas nas questões anteriores.

ANEXO A - PRINCIPAIS PROGRAMAS E AÇÕES DE EDUCAÇÃO COOPERATIVISTA IMPLEMENTADAS E/OU APOIADAS PELA OCERGS-SESCOOP/RS

PROGRAMA APRENDIZ COOPERATIVO

O Programa Aprendiz Cooperativo do SESCOOP

/RS abre as portas do mercado de trabalho para estudantes entre 14 anos (completos) e 24 anos (incompletos no momento do encerramento do curso). Trabalhando em uma cooperativa, os jovens aprendem uma profissão e também entram em contato com a cultura cooperativista, pautada em valores como igualdade, solidariedade, honestidade e transparência. Além da formação técnico-profissional, o programa contribui para a inclusão social e o desenvolvimento das comunidades. Em 2016, o Aprendiz Cooperativo atendeu 2.427 jovens participantes, todos contratados com registro em Carteira de Trabalho por mais de 100 cooperativas gaúchas.

PROGRAMA A UNIÃO FAZ A VIDA

O programa “A união faz a vida” é a principal iniciativa de responsabilidade social da Sicredi Pioneira RS. Tem como objetivo promover práticas de educação com foco nos princípios da cooperação e cidadania. Ocorre com a aplicação da metodologia de projetos (incentiva alunos a evidenciar sua capacidade de participação como agentes empreendedores de seu próprio desenvolvimento) e ações pedagógicas.

Na Sicredi Pioneira RS, o programa está implantado nos seguintes municípios da região: Picada Café (desde 2000); Nova Petrópolis (desde 2001); Feliz (desde 2002); Morro Reuter (desde 2006); Linha Nova (desde 2008); São José do Hortêncio (desde 2008); Vale Real (desde 2009); Alto Feliz (desde 2009); Santa Maria do Herval (desde 2010); Ivoti (desde 2012); Presidente Lucena (desde 2013); Lindolfo Collor (desde 2014); Gramado (desde 2014); Dois Irmãos (desde 2014); Portão (desde 2014); Canela (desde 2018); Caxias do Sul (desde 2018); Estância Velha (desde 2018).

COOPERATIVAS ESCOLARES

Junto à Casa Cooperativa de Nova Petrópolis, a Sicredi Pioneira RS, por meio do programa "A união faz a vida", apoia o projeto das Cooperativas Escolares da região. O projeto estimula os jovens a realizar todo o processo de planejamento, fundação, definição de produto, produção e venda. Os aprendizados dentro de uma cooperativa escolar formam muito mais do que futuros gestores e líderes de comunidade, formam cidadãos mais solidários, que respeitam os princípios do cooperativismo.

As cooperativas escolares são associações de estudantes com finalidade educativa, podendo desenvolver atividades econômicas, sociais e culturais em benefício dos associados. Em sua essência, buscam formular uma proposta pedagógica com a participação do corpo discente em atividades práticas. Inspiradas, em parte, no pedagogo francês Célestin Freinet e nas experiências da cidade argentina de Sunchales, as cooperativas escolares têm na educação cooperativista, no trabalho e na cooperação a tríade desse projeto pedagógico que tem por finalidade a convivência, o respeito mútuo, a solidariedade, promoção da justiça social, igualdade, autonomia, a cooperação e a realização de objetivos comuns. Nelas, o caráter educativo, espírito cooperativo e o movimento entre o saber e o fazer são inerentes e constantes.

ESCOOP Faculdade de Tecnologia do Cooperativismo.

Missão

Preparar profissionais para as diversas áreas das cooperativas, notadamente para a moderna gestão.

Graduação

Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Cooperativas tem origem na preocupação do Sistema OCERGS-SESCOOP/RS em atender demandas de qualificação. O profissional estará apto a participar com competência da gestão de empresas cooperativas.

A história do cooperativismo ensina que a administração ideal de cooperativas se atinge pela educação e formação. Executar funções administrativas exige direção competente, colaboradores qualificados, isso demanda formar gerentes e administradores com mentalidade executiva e com sentimento idealista. O desempenho das atividades administrativas exige ação profissional fundamentada em um sólido conhecimento teórico-prático, visando atender os desafios da moderna gestão cooperativa.

MBA EM GESTÃO DE COOPERATIVAS

OBJETIVO: Qualificar os profissionais para participar ativamente, com competência, na gestão das cooperativas, conciliando teoria, práticas e técnicas administrativas, com base nos conhecimentos da história e da doutrina cooperativa.

MBA EM GESTÃO ESTRATÉGICA DO AGRONEGÓCIO

OBJETIVO: Qualificar os profissionais oriundos das cooperativas agropecuárias a participarem com competência na gestão, conciliando teoria e prática, por intermédio

de técnicas administrativas, com base nos conhecimentos da história e da doutrina cooperativa.

EXTENSÃO

Como atividades de extensão, existem cursos e eventos.

ATIVIDADES RELACIONADAS À PESQUISA

PROGRAMA UNI-SESCOOP/RS

Possibilita a concessão de bolsas de estudo para cursos de Pós-graduação em Cooperativismo – *Lato Sensu* – aos associados e empregados de sociedades cooperativas sediadas no Estado do Rio Grande do Sul.